

MOVIMENTO E TRANSFORMAÇÃO: A VIDA NO VENTRE MATERNO

Márcia Elizabeth Torresi^{*}
Camila Barboza Pedrozo^{**}
Ellen Fonseca^{***}

RESUMO: Durante muito tempo acreditou-se que a vida intra-uterina era uma etapa responsável apenas pelo desenvolvimento físico da criança. O útero materno representava um lugar isolado, no qual o bebê parecia estar inacessível aos estímulos externos, protegido pelas camadas abdominais. Pensava-se que a criança, neste lugar, permanecia em estado de plena satisfação e felicidade, desconectada dos pensamentos e sentimentos da mãe. Contudo, a sensação vivenciada pela gestante de que existe uma reciprocidade de sentimentos entre ela e o bebê, deixa de ser apenas uma impressão e passa a ser um fato comprovado. A mulher grávida exerce sobre seu filho um papel fundamental na constituição de sua personalidade antes do nascimento, influenciando-o com seus pensamentos e sensações e, assim, tem a possibilidade de contribuir para o desenvolvimento de um ser humano menos desprotegido e psiquicamente mais saudável. Observou-se que “o feto pode ver, entender, tocar, degustar e mesmo, a um nível muito primitivo, aprender *in útero* (quer dizer, dentro do útero, antes do nascimento). Mais importante, ele é capaz de sentimentos menos elaborados que os adultos, é lógico, mas bem reais” (VERNY, 1989, p. 3). O modo pelo qual o indivíduo se relacionará com a vida depende, em grande parte, das sensações recebidas no útero. A mãe é a principal responsável pela transmissão dessas sensações, a partir das quais se forma sua personalidade. Transitamos pelas percepções de Federico Navarro, David Boadella, Dr. Thomas Verny, além de estudos contemporâneos e conceitos pouco conhecidos a respeito da vida intra-uterina. Nosso estudo tem por objetivo refletir sobre a importância da relação mãe-bebê durante o período gestacional, a fim de promover o deslocamento saudável e o bem estar da criança. Não pretendemos afirmar, com isso, que este período pré-natal deve ser isento de dúvidas, inseguranças e ansiedades da mãe, pois são sentimentos naturais que também contribuem para o desenvolvimento da criança, antes do nascimento. Diante desses novos conhecimentos, os futuros pais têm a chance de participar ativamente na formação da personalidade de seu filho, contribuindo para sua felicidade, não somente enquanto no útero ou no período da infância, mas por toda a vida.

Palavras-chaves: vida intra-uterina; relação mãe/bebê.

* metorresi@uol.com.br. FCL/Unesp
** camila_pedrozo@yahoo.com.br. Psicóloga Clínica
*** ellenfstaut@hotmail.com. Psicóloga Clínica

Este artigo propõe algumas questões a respeito da origem da consciência humana, do desenvolvimento do indivíduo antes do nascimento e da importância da relação mãe-bebê durante o período gestacional. A vida da criança no útero é dotada de lembranças, sentimentos e consciência, por isso, tudo o que lhe acontece nessa fase é vital para a estruturação de sua personalidade.

A mulher grávida tem a possibilidade de contribuir para o desenvolvimento de uma criança menos desprotegida e psicologicamente mais saudável, influenciando-a com seus pensamentos e sensações.

Pretendemos abordar em nosso trabalho dois autores neo-reichianos, Boadella e Navarro, criadores da biossíntese e da somatopsicodinâmica. Seria de extrema relevância apontar alguns pressupostos teóricos de Reich, fonte na qual esses autores se basearam. No entanto, pela necessidade de resumir este artigo serão retirados alguns conceitos fundamentais de sua teoria.

Abordaremos apenas que para Reich (1995), a psique e o soma formam um sistema unitário, funcionando bioenergeticamente e mutuamente. Assim, desta unidade funcional depende o equilíbrio energético de cada uma das partes, como forma de garantir a saúde real. Quando o equilíbrio vegetativo encontra-se perturbado ocorre o aparecimento das biopatias como sendo

[...] todos os estados mórbidos dos quais a medicina oficial não reconhece a etiologia. Portanto, são biopatias todos os quadros patológicos e/ou degenerativos dos quais se conhece apenas a patogênese. Em todos estes processos encontramos um componente psicológico que termina, desencadeia, ou influencia os aspectos biológicos. (NAVARRO, 1991, p. 9).

Federico Navarro continua, aprofunda e amplia os estudos de Reich sobre as biopatias em cada segmento da couraça muscular do caráter. Segundo este autor, as causas dessas biopatias podem surgir já na fase embrionária modificando toda a função

biológica da pulsação plasmática¹, a qual envia energia do centro do organismo para a periferia. O distúrbio desta função é causado pela falta de energia e/ou estase ou pelo excesso de descarga energética celular devido a uma contração crônica do sistema nervoso autônomo.

Pode-se supor que esta contração é ocasionada por modificações no ambiente celular contrárias a sua vitalidade. O medo é a emoção causadora de tudo isso.

[...] a ação estressante sobre o embrião é principalmente determinada pela emoção do medo, que é o medo celular da morte. Tentativas de aborto, gravidez indesejada, intoxicações, ou emoções penosas da mãe atingem o embrião, alterando seu desenvolvimento harmonioso, e determinando um grave estado de baixa energia fetal (hiporgonia² total). (NAVARRO, 1996, p. 17).

Ou seja, todas as emoções sentidas e situações vividas pela mãe repercutem diretamente na vida do bebê dentro do útero.

Navarro localiza o medo nas várias fases da vida e o classifica em quatro tipos: embrionário, fetal, neo-natal e pós-natal. Porém, nos limitaremos aos dois primeiros tipos por fazerem parte da vida intra-uterina.

A partir da terceira semana de gestação o organismo, em seus primeiros estágios de desenvolvimento, recebe o nome de embrião. Neste período já existe o fenômeno emocional.

O medo embrionário é inconsciente e está inscrito em nível celular; é um medo de morte da própria célula em resposta a um perigo de morte real (por exemplo, o aborto). Esse medo, conservado na memória celular, provoca alteração na cadeia do DNA e, conseqüentemente, a diminuição dos suportes vibratórios celulares, desorganizando as estruturas evolutivas ao nível dos tecidos. Este tipo de medo é o responsável pelas doenças neuropsicossomáticas que também podem ser chamadas de biopatias primárias, disfunções que, facilmente, conduzem a estágios irreversíveis e à morte prematura. De um ponto de vista energético, trata-se de sujeitos hiporgonóticos. (NAVARRO, 1991, p. 13).

¹ A pulsação plasmática distribui através de componente iônico e dos glóbulos vermelhos (única célula sem núcleo) a energia necessária para a vida celular (NAVARRO, 1991, p. 9).

² Baixa de energia no organismo.

Podemos com isso pensar que, durante o período embrionário, a resposta ao medo é celular, ou seja, as células se contraem de maneira crônica e irreversível para garantir a manutenção da vida consumindo o mínimo de energia necessária, causando a hiporgonia (baixa carga de energia no organismo).

Devido a esse medo ocorrem alterações nas funções enzimáticas e o DNA codifica as mensagens de forma distorcida, desorganizando os tecidos. Assim, o prejuízo causado à psique embrionária é, do ponto de vista terapêutico, praticamente irreversível.

O período fetal inicia-se a partir da nona semana de gestação. O medo, nesta fase, ainda permanece inconsciente e dá origem ao angustiante sentimento de “desestruturar-se”.

Durante o período fetal o desenvolvimento da psique pode ser alterado pelo estresse intra-uterino, causando o sentimento de “desestruturar-se”, originado pela baixa quantidade de energia e sua má distribuição. É neste período que ocorre a formação do cérebro e do sistema neurovegetativo.

Por meio do desenvolvimento deste sistema notamos que, no período fetal, o mecanismo de defesa contra o estresse (medo) é mais complexo e mais específico, no qual o feto protege-se ativando o sistema neurovegetativo. Ao ser ativado, este sistema lança uma hipersecreção de adrenalina e faz com que todo o organismo se contraia fechando-se para o meio exterior; não existindo mobilidade ocorre uma pseudo-paralisia do movimento. Essa contração do organismo dificulta o ritmo da pulsação plasmática favorecendo apenas a descarga energética. “O feto, assim como ocorre com o embrião estressado, perde o ‘contato’ com o organismo que o hospeda (o útero, a mãe!) e reduz seu campo energético“ (NAVARRO, 1991, p. 20).

Podemos observar, através de estudos, que o embrião com cinco semanas de vida já é capaz de ações reflexas bastante complexas. E neste período que começam a se formar as principais estruturas internas e externas do organismo. Na oitava semana o embrião já utiliza movimentos (tremores e pontapés) como forma de comunicação podendo exprimir, assim, seus gostos e aversões. Ele também é muito vulnerável aos efeitos de drogas, radiação, vírus e todos os tipos de estresse, o que pode levá-lo à morte ou ao comprometimento de sua estrutura energética após o nascimento.

Estudos sobre o cérebro localizam o começo da consciência entre a vigésima oitava e a trigésima segunda semana, período em que os circuitos nervosos estão bem desenvolvidos. As mensagens são revezadas pelo cérebro e, posteriormente, distribuídas pelo corpo todo. Nesse momento também o córtex atinge um desenvolvimento que irá ajudar a consciência. “[...] a criança antes do nascimento guarda as lembranças e é capaz de conservá-las” (VERNY, 1989, p. 32).

A medida em que o cérebro e o sistema nervoso do feto se desenvolvem, ele descobre respostas tanto no plano físico, isto é, relacionadas aos sentimentos e emoções de sua mãe, como no plano afetivo. No sexto ou sétimo mês ele pode discriminar atitudes e sentimentos da mãe e começa a agir em função disso.

O dano causado ao feto pelas situações de estresse vivenciadas pela mãe, dependerá em grande parte da duração e intensidade desse estresse. A intensidade do afeto que a mãe nutre pelo seu bebê pode amenizar as conseqüências que suas perturbações pessoais terão sobre a criança que carrega.

Quando o bebê ainda está fixado dentro da mãe, tendo seu corpo alimentado como se fosse um de seus órgãos, essa sensação de bem-estar corporal tem uma pré-condição essencial: que a mãe que carrega o bebê sinta-se, de maneira geral, bem consigo mesma e em relação a ele. Sensações de tensão e desconforto da mãe podem ser comunicadas para o feto, assim como sentimentos de rejeição, culpa ou hostilidade em relação ao bebê que está se desenvolvendo. Baseados em memórias desse período primitivo da vida [...] podemos concluir que o feto é sensível não só aos distúrbios de sua existência, como a pressões mecânicas, sons agudos e vibrações intensas,

mas também sofre se a mãe está doente, exausta ou intoxicada. (BOADELLA, 1992, p. 39).

Também o útero, como espaço físico, é de fundamental importância para o desenvolvimento da personalidade da criança. A qualidade desse espaço físico é proporcional à qualidade da relação mãe/bebê construída durante a gestação. Nos últimos meses de gestação, o tamanho de feto aumenta consideravelmente, fazendo-o entrar em contato com as membranas que o envolvem.

Neste período final,

O bebê está envolvido, pela primeira vez, num abraço de carne. Não há razão para acreditar que essa sensação seja desagradável para ele, só porque esteve até agora em amplos espaços de água. Muito irá depender do tônus do útero e das sensações corporais da mãe. Assim como na primeira infância, a qualidade do abraço determina se a criança sente prazer em estar abraçada, apertada e encolhida nos braços de seus pais ou se ela luta para livrar-se. (BOADELLA, 1992, p. 41)

Pretendemos, com este artigo, mostrar que a vida do bebê antes do nascimento requer uma atenção especial, pelo fato de ser um momento repleto de impressões, sensações e necessidades, as quais serão (ou não) supridas pela mãe, ao longo da gestação.

São dois corpos que pulsam afetos, sempre em busca de vida, mas que também se encontram permeados pelos ritmos da excitação gerados pelas experiências de amor ou decepção, medo ou agressão, agonia ou prazer.

Sabendo da importância desta relação, a futura mamãe tem a chance de participar ativamente na formação da personalidade de seu filho, contribuindo para sua felicidade, enquanto no útero, no período da infância, e por toda a vida.

REFERÊNCIAS

BOADELLA, D. *Correntes da vida* – uma introdução à Biossíntese. Tradução de C. S. Cruz. São Paulo: Summus, 1992.

NAVARRO, F. *Somatopsicodinâmica das Biopatias*: interpretação reichiana das doenças com etiologia “desconhecida”. Tradução de M. E. Araújo. Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1991.

_____. *Somatopsicopatologia*. Tradução de S. F. Foá. São Paulo: Summus, 1996.

REICH, W. *A Função do Orgasmo*. Tradução de M. da G. Novak. São Paulo: Brasiliense, 1995.

VERNY, T. *A vida secreta da criança antes de nascer*. São Paulo: C. J. Salmi, 1989.